

“Tomei uma Decisão Errada se Dediquei à Minha Educação o Tempo que Teria Dedicado ao Tear?”

*Clemildo Anacleto da Silva**

RESUMO

O texto procura mostrar a decisão de uma mulher, chamada Hiparquia, em seguir a filosofia e o modo de vida dos filósofos cínicos. Ressalta sua opção, coragem e determinação em não aceitar o “destino” que lhe era proposto pela sociedade da época, bem como não aceitar ser considerada inferior ou destinada aos trabalhos “domésticos”. Seu estilo de vida influenciou, decidiu, marcou e fez história.

Palavras-chave: filósofa cínica – mulher e filosofia – sabedoria – mulher – movimento social.

Introdução

A intenção deste artigo é mostrar a participação de mulheres no movimento filosófico denominado cinismo.¹ Para tanto, reproduziremos al-

* É doutor, professor e coordenador do Curso de Ciências da Religião (Lato Sensu) da Univale – Universidade Vale do Rio Doce em Governador Valadares-MG

1. O cinismo surge com Antístenes, discípulo de Sócrates, no IV século a.C. No entanto, é Diógenes quem se tornará mais conhecido pelo fato de assumir verdadeiramente uma vida cínica. A propósito, o nome cínico, provavelmente, deriva do termo grego *kyon* (cão). O seu jeito de agir e de se comportar deve ter contribuído e reforçado a idéia do filósofo “cão”. Caracterizavam-se por seu visual. Andavam descalços, com um manto, um bastão e uma sacola. Seu modo de vida estava baseado na natureza, ou seja, imitavam a natureza. O início do cinismo (IV séc. até o fim do III a.C) está documentado por Diógenes Laércio no sexto livro de sua obra: *Vida dos Filósofos Ilustres*. Há uma edição em português publicada pela Universidade de Brasília. Quem desejar conhecer melhor deve consultar o livro de DUDLEY, Donald R. *A History of Cynicism*. Hildesheim: Georg Olms Verlagsbuchhandlung, 1967.

gumas cartas Na verdade, só temos o testemunho de apenas uma mulher, no entanto, isso não significa que fosse a única e, mesmo que fosse, a sua contribuição levou muitos homens a pensar ou repensar seu modo de vida. Não vamos encontrá-la falando, ou melhor, poucas vezes ela se manifesta. Na maioria das vezes, alguém está falando por ela. Em apenas uma carta, podemos constatar sua fala.

Essas cartas fazem parte de uma coleção publicada por Abraham Malherbe. São cartas que falam a respeito de uma mulher chamada Hiparquia que resolveu assumir a vida cínica e se tornar filósofa. Parece que, após algum tempo seguindo Crates numa vida itinerante, ela deve ter cansado dessa vida e resolvido permanecer em casa. Crates, não conformado com essa idéia, escreve algumas cartas, tentando dissuadi-la dessa decisão.

No entanto, é possível imaginar também que Hiparquia tenha deixado de acompanhá-lo por estar grávida; pelo menos é o que deixa transparecer a carta 33. Nessas condições, ela deve ter concluído que seria melhor conseguir um lugar tranquilo para ter sua criança. Porém, mesmo depois de a criança ter nascido, ela deve ter preferido permanecer no seu lugar. Creio que é nesse contexto que as cartas podem ter sido originadas. Ao mesmo tempo, as cartas podem ser entendidas como fictícias ou escritas por um pseudo-Crates.

Ao resgatar essas cartas, tenho comigo a impressão que esse movimento deseja responder as seguintes questões: Quem poderá impedir essa mulher de traçar o caminho de sua vida? Quem poderá impedi-la de ter acesso ao conhecimento e de atuar na vida pública? Portanto, é nessa direção que pretendo analisar esses textos. Ao mesmo tempo, faço questão de citá-los integralmente devido ao fato de termos essas versões apenas em inglês ou grego. Sendo assim, creio que as(os) leitoras(es), além de poder contar com o material em sua própria língua, poderão também tirar suas próprias conclusões.

Abandonando a Máquina de Costura

Antes de comentarmos outras cartas, vamos entender como tudo começou. Certamente esta não foi a única mulher filósofa. Apesar de nada sabermos a respeito dessas outras, é importante que seus nomes sejam conhecidos como resgate histórico e para pesquisas posteriores. Dudley menciona os nomes de "Salon, companheira de Aspasia, Lastenea de Mantinea e Axiotheia de Phlious como sendo discípulas da academia; Aristipo também informa que instruiu sua filha nos caminhos da filosofia."² Como dissemos, certamente não era a primeira filósofa, mas foi a primeira que resolveu adotar o modo de vida cínico.

Hiparquia, irmã de Metroclés, sentiu-se também atraída pelas doutrinas dessa escola; ambos nasceram em Marôneia. Ela se apaixonou pelas teorias e pela maneira de viver de Crates, não dando atenção a qualquer de seus pretendentes, nem à riqueza, nobreza de nascimento ou beleza dos mesmos; para ela Crates era tudo. Hiparquia chegou a ameaçar seus pais, dizendo que se mataria se não lhe fosse dada em casamento. Os pais dela suplicaram então a Crates que a dissuadesse de seus propósitos, e este recorreu a todos os expedientes, finalmente, vendo que não era bem-sucedido, levantou-se e tirou diante dela toda a sua roupa, dizendo: "Eis o futuro esposo, e aqui estão os teus bens; decide, portanto, pois não poderás ser a minha consorte se não te adaptares ao meu modo de viver." A moça escolheu, e adotando as mesmas roupas passou a andar com seu marido, unindo-se com ele em público e indo juntos a jantares. E foi num banquete em casa de Lisímacos que ela refutou Teôdoros, cognominado o Ateu, usando o seguinte sofisma: "O que Teôdoro faz sem ser considerado injusto, Hiparquia também faz sem ser considerada injusta; Teôdoros não comete uma injustiça ferindo-se a si mesmo; logo, Hiparquia também não comete uma injustiça ferindo Teôdoros." Este não levantou qualquer objeção, mas procurou tirar-lhe a roupa; Hiparquia não demonstrou o menor espanto ou perturbação, como haveria feito outra mulher. Quando Teôdoro lhe disse: Quem abandonou a lançadeira junto ao tear? Hiparquia respondeu: "Fui eu, Teôdoros, mas acreditas que tomei uma decisão errada se dediquei à minha educação o tempo que teria dedicado ao tear?"³

Esse texto é importante por dois motivos. Primeiro, porque são poucos os textos cínicos em que a mulher aparece de forma tão explícita e decidida. É sabido que, em geral, os cínicos não fechavam seus ensinamentos às mulheres. No entanto, somente aqui uma mulher é lembrada e apresentada como filósofa. Segundo, o texto é importante por causa da resposta da mulher. Ela, além de rejeitar as riquezas para seguir a vida cínica, fundamenta sua decisão dizendo que mulher não sabe só tear, mas também filosofar. Ela rejeita viver o destino que estava traçado para as mulheres, ou seja, o serviço doméstico. Ela quer participar das discussões. A resposta dela é desconcertante. Deixa Teôdoros sem saída. Ele não poderia responder afirmativamente porque estaria dizendo que também tomou a decisão errada e, se negasse, estaria concordando com Hiparquia.

Numa sociedade em que nem mesmo a todos os homens é dada a oportunidade de participar da vida pública, esta mulher revoluciona os costumes quando decide participar da filosofia e, principalmente, num grupo tão radical.

Estou devolvendo a túnica que você teceu e me enviou pois aqueles de nós que vivem uma vida de perseverança estão proibidos de vestir tais coisas, e eu faço para que possa fazê-la desistir dessa tarefa à qual você tem se submetido com tanto ardor para que os outros a vejam como alguém que ama seu marido. Agora, se eu me casei com você por essa razão, você estaria certamente agindo apropriadamente e seu ardor seria bem visível a mim nisso. Mas já que me casei com você em consideração à filosofia, pela qual você mesma tem ansiado, renuncie a tais buscas e tente ser de grande benefício à vida humana. Para isso você aprendeu tanto comigo quanto com Diógenes.⁴

No primeiro instante essas palavras parecem soar uma grande grosseria, indelicadeza e, até mesmo, uma atitude bruta e grosseira. O cínico não costumava levar duas túnicas. A mesma túnica era usada até não ter mais utilidade. Só pedia aquilo que iria usar no momento. Nada

2. DUDLEY, Donald R. *A History of Cynism*. Op. cit. p. 50.

3. LAËRTIOS, Diógenes. *Vida e doutrina dos filósofos ilustres*. Brasília: Editora UNB, 1988. p.171.

4. MALHERBE, Abraham J. *The Cynic Epistles*. Missoula: Scholars Press, 1977. p. 81.

devia ser usado se não houvesse necessidade. Além disso, parece-me que Crates também está tentando convencer a sua companheira a tomar uma decisão. É verdade, como dissemos, que mesmo sendo uma posição interessante esta de Crates, ainda assim é sempre o homem quem está apontando o que ele acha que é o melhor para sua companheira. Mas, mesmo assim, creio que podemos tirar algum conhecimento da realidade feminina nesse período.

Crates diz que o que desencadeou o seu interesse por ela foi a opção que ela fez pelo mesmo modo de vida e não os cuidados que ela iria para com o seu marido ou o tempo que iria doar ou se dedicar aos cuidados dele. Dedicando-se à filosofia, ela teria muito mais utilidade. A preocupação com Crates não é tão útil quanto a decisão de ser filósofa. Sendo filósofa, ela se libertaria desses afazeres e seria útil para muita gente e não apenas para uma pessoa. O seu objetivo deveria perseguir o desejo de ser útil à humanidade e a si mesma. Esse “ser útil” a humanidade não tem nada a ver com se encaixar nos valores da sociedade e servir como modelo de “mulher virtuosa”. Até porque o modo de vida cínica contrastava com os valores da sociedade de seu tempo.

Ainda nessa mesma linha dos “serviços domésticos” há uma outra carta que diz o seguinte:

Alguns têm vindo de sua parte trazendo uma nova túnica que, eles dizem, você fez para que eu tenha para o inverno. Devido a você se importar comigo, eu aprovei você, mas devido a você ainda não estar educada e não estar praticando a filosofia que lhe ensinei, eu te censuro. Portanto, desista de fazer isso agora mesmo, se você realmente se importa, não se orgulhe desse tipo de atividade, mas tente fazer as coisas pelas quais você quis se casar comigo. E deixe a fição, que é de pouco benefício, para outras mulheres que não têm desejado as coisas que você deseja.⁵

Crates aceita a túnica, mas faz questão de dizer que aceitou porque ela (Hiparquia) ainda não es-

tava praticando a filosofia. No momento em que começar a prática da vida cínica, não há mais motivos para se dedicar ao tear. Essa era uma tarefa para as mulheres que não desejavam ser filósofas. E ainda insiste: “Não se atenha nem se glorie dessa atividade.” Evidentemente que aqui não há nenhuma discussão entre atividade doméstica e atividade intelectual. Vale salientar que a sociedade daquele tempo não deixava muitas saídas para as mulheres. O destino delas estava praticamente traçado. Fazer filosofia e mais ainda aderir a um modo de vida itinerante, abandonando família e convivendo noutro grupo era uma atitude muito radical e de seguro rompimento e negação ao futuro destinado a essas mulheres.

“As Mulheres não São, por Natureza, Inferiores aos Homens”

As mulheres não são, por natureza, inferiores aos homens. As Amazonas, pelo menos, que têm realizado façanhas tão grandes, não têm deixado de corresponder aos homens em nada. Então, se você lembrar dessas façanhas, não as deixe por realizá-las. Já que você não convenceria de que está debilitada em casa! Além disso, seria vergonhoso, já que você tem adotado a vida cínica com seu marido, tanto nos portais quanto com respeito a sua opulência, mudar sua opinião agora e voltar na metade do caminho.⁶

Essa é uma frase muito óbvia para o nosso pensamento moderno. Não seria necessário nem comentar. No entanto, se levarmos em conta a época em que isso foi dito, verificaremos que foi um grande avanço. É um avanço considerável para a sociedade do primeiro século da era cristã. É verdade que alguns filósofos já haviam feito afirmações semelhantes quando se preocuparam em descobrir o ser das coisas ou as essências dos seres.

A essência do ser humano não reside em ser homem ou mulher. Homem/mulher é uma qualidade que não interfere na essência do ser. Essa carta reflete o pensamento cínico e contesta o

5. MALHERBE, Abraham J. *The Cynic Epistles*. Missoula: Scholars Press, 1977, p. 82.

6. Idem, p. 78.

pensamento de Aristóteles,⁷ segundo o qual, uns nascem para ser senhores, outros para ser servos, uns para mandar outros para obedecer. Portanto, para os cínicos, ser escravo, mulher, pobre etc. não interfere na condição de ser humano.

Se o ser humano tem uma essência que o identifica como tal, então, essa essência é igual para todos. A essência do ser humano homem não pode ser diferente do ser humano mulher. Portanto, ninguém nasce inferior ou superior a outro. Somos compostos da mesma essência. A mesma substância que dá forma ao homem também dá à mulher porque ela (a substância) é a forma do ser humano.

Para convencer Hiparquia, Crates lança mão do mito das Amazonas.⁸ Ele quer enfatizar a autonomia das mulheres. Evidentemente que nos dias atuais as mulheres não gostariam de ser comparadas às Amazonas, principalmente porque elas estão copiando um modelo costumeiramente denominado como masculino e, portanto, se espelhando no que havia de pior: a brutalidade. Mas aqui Crates quer enfatizar o poder de decisão e autonomia.

Crates insiste fazendo mostrar a Hiparquia que, por mais que ela queira passar uma visão de um ser frágil, não conseguiria já que também não iria convencê-los que estaria debilitada e por isso justificaria sua permanência em casa. A carta está

tentando convencê-la a não abandonar o modo de vida cínico; não está tentando fazer as pazes com o marido. Não está tentando convencê-la a seguir seu marido e sim, não abandonar o modo de vida e o caminho filosófico que ela decidiu seguir.

Persistimos Bravamente nas Coisas que São Intoleráveis

Não é porque somos indiferentes a tudo que outros têm chamado nossa filosofia de Cínica, mas porque nós persistimos bravamente nas coisas que são intoleráveis a eles, pois eles são efeminados ou sujeitos a falsa opinião. É pelo segundo motivo e não pelo primeiro que eles têm nos chamado de Cínico. Levante-se logo, então, e viva a vida Cínica conosco (Já que você não é inferior a nós por natureza, já que as fêmeas de cães não são inferiores aos machos), para que você possa ser liberta até mesmo da natureza, já que todas são escravas por lei ou através de maldade.⁹

À primeira vista, esta carta nos dá a impressão que houve um certo preconceito quando se refere aos “efeminados” (*malakivan*). No entanto, devo esclarecer duas coisas: primeiro que estou reproduzindo a tradução inglesa do texto grego. Sempre que possível conferimos com o texto grego e, segundo, que esta palavra, na verdade, quando usada pelos cínicos, não tem o sentido de efeminado como foi traduzido pelo texto em inglês. Mas mesmo que tenha sido usada com esse sentido em nada altera o nosso texto, apenas pareceria que a carta teria empregado como se faz hoje, por alguns segmentos, num sentido pejorativo, o que não ocorreu.

Quando os cínicos usam esta palavra, geralmente estão contrastando os que vivem uma “vida dura” com os que vivem na “moleza”. Essa expressão era dirigida, pelos cínicos, aos ricos. Aqueles que ganhavam a vida sem fazer esforço. Que viviam da exploração alheia. Que não colocavam a “mão na massa.”

7. Na sua obra Política, Aristóteles defende que “mandar e obedecer são condições não somente inevitáveis mas também convenientes. Alguns seres, com efeito, desde a hora de seu nascimento são marcados para ser mandados ou para mandar... Entre os sexos também o macho é por natureza superior e a fêmea inferior; aquele domina e esta é dominada; o mesmo princípio se aplica necessariamente a todo o gênero humano. (...) É um escravo por natureza quem é susceptível de pertencer a outrem (e por isso é de outrem), e participa da razão somente até o ponto de aprender esta participação...” Essa citação foi retirada de: Aristóteles. *Política*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985, p.18 e 19.

8. As Amazonas eram conhecidas na mitologia como mulheres guerreiras, fortes e valentes. Habitavam a região próxima ao Danúbio. Subjugaram os homens, colocando-os aos seus serviços. Diz a lenda que não casavam com homem nenhum. Quando tinham filhos era apenas para dar continuidade à espécie, assim mesmo matavam os meninos ou os mutilavam. Eram exímias com arco e flecha. Muitas retiravam um dos seios para melhor utilizar o arco.

9. MALHERBE, Abraham J. *The Cynic Epistles*. Missoula: Scholars Press, 1977. p. 78.

O modo de vida cínico era visto por muitos como vagabundagem, um estilo de vida de quem não quer nada. Os cínicos, pelo contrário, viam a si mesmos como tendo optado por uma forma de vida difícil de ser praticada. Para quem estava no poder, os cínicos eram vagabundos ou mendigos, pessoas sem escrúpulos, imorais ou, diria melhor, amorais, porque costumavam divergir dos valores propostos pela sociedade de sua época. Para os cínicos, os poderosos e ricos optaram por uma vida na acomodação, fácil e que atende apenas aos desejos do estômago. Aliás, para o cinismo, os piores desejos estão localizados no estômago. É este o local de onde partem todos os piores desejos, que são os da ganância e da insaciabilidade. Por isso tudo, os cínicos tinham consciência de que esse modo de vida era resultado da exploração do trabalho alheio. Assim sendo, a frase não é discriminatória nem tem o alcance pejorativo que alguns grupos dão nos dias atuais.

Ele continua seu argumento mostrando a Hiparquia que a principal característica da vida cínica não é a indiferença e sim a persistência. Ele volta a enfatizar o assunto da inferioridade, fazendo uma brincadeira e um trocadilho com o nome cínico (cão). Diz ele: um animal não deixa de pertencer a sua raça pelo fato de ser fêmea ou macho. O cão continua sendo cão diferenciando-se apenas por ser macho e fêmea. A natureza humana só torna-se inferior por decreto, ou seja, somente através de uma lei que a obrigue ou, então, através da maldade. É somente desta maneira que alguém pode ter sua natureza submetida à escravidão. Escravidão e inferioridade não são qualidades inatas, ninguém nasce com essas condições nem essas qualidades mudam a natureza ou a essência do ser humano.

Cuide Desse Nosso Pequeno Bebê

Ouçó dizer que você deu à luz – e que foi tranqüilamente, mas você não me disse nada. Louvado seja Deus e você. Parece que você acredita que o trabalho pesado é a causa de não ter precisado de muito esforço. Visto

que não teria dado à luz tão facilmente se durante a gravidez não continuasse a trabalhar pesado como os atletas. A maioria das mulheres, no entanto, quando estão grávidas ficam debilitadas, e quando dão à luz, as que conseguem sobreviver trazem adiante bebês suscetíveis a doenças. Tendo mostrado que o que estava por vir chegou, cuide desse nosso pequeno bebê. E você irá cuidar dele, se você educá-lo com sua dedicação usual. Portanto, deixe a água de seu banho ser fria, suas roupas serem mantos, seu alimento ser leite, mesmo assim, sem excessos. Balance-o em um berço feito de um casco de tartaruga, dizem que isso protege contra doenças da infância. Quando ele puder falar e andar, vista-o, não com uma espada, como fez Aethra com Theseus, mas com um cajado, um manto e uma bolsa, que pode proteger os homens melhor do que espadas, e mande-o para Atenas. De resto, eu devo cuidar de criar uma cegonha para nossa velhice, ao invés de um cão.”

O motivo pelo qual ela teve a criança com tranqüilidade, Crates credits ao fato de já estar acostumada com as dificuldades da vida. Essa dificuldade não significa vida miserável e sim uma vida natural, sem excessos. Uma vida normal em contraste com a vida de quem não trabalha e vive do esforço alheio, como já constatamos. Ela é comparada a um tipo de deusa, porque vence obstáculos muito maiores do que aqueles impostos aos deuses das mitologias. A carta aproveita para fazer propaganda do estilo de vida cínico. Uma vida sem excesso. Água, leite, um manto, um alforge e um lugar para dormir parecem ser o suficiente para viver. É com esse equipamento que a criança irá vencer as maiores dificuldades. Os deuses da mitologia se tornavam heróis porque venciam monstros, animais, tarefas impostas como quase impossíveis, faziam guerras, matavam, destruíam etc. Por isso ele pede para não educá-lo como Teseu.

De acordo com a mitologia, Teseu era filho de Egeu. Egeu tentou ter um filho com várias mulheres, mas não conseguiu. Consultou um oráculo e como resultado dessa consulta viajou para Trezena. Chegando lá, encontrou Medeia e lhe fez uma proposta: conceder-lhe asilo, em troca ela lhe daria um filho. Porém, como antes

havia comentado seu desejo com o sábio Piteu, ele embriagou Egeu e fez com que sua filha, Etra, deitasse com ele. Nessa mesma noite, Etra teve um sonho em que lhe apareceu a deusa Atená ordenando-lhe que fosse a uma ilha para oferecer-lhe um sacrifício. Estando lá, apareceu o deus Poseidon que fez dela sua mulher. Assim Etra ficou grávida de Teseu e Egeu nunca desconfiou que não fosse filho dele. Quando se preparava para voltar a Atenas, deu uma recomendação a Etra de que quando o menino alcançasse a adolescência se dirigisse até um rochedo onde ele guardou suas sandálias e uma espada. Ele precisava levantar a rocha e retirar esses objetos.

Ao mesmo tempo em que Crates está contrastando a dureza de vida do cínico com os trabalhos que os deuses enfrentavam, também há uma certa ironia. O deus foi enganado duas vezes. Ele é apresentado como um bobo. Além disso, a base da educação para enfrentar a vida estava naquilo que Crates já havia recomendado. Nada mais além daquilo seria necessário. Os desafios da vida são enfrentados apenas com esses aparatos. A espada não faz parte dos equipamentos que alguém devia possuir. Espada era a expressão da brutalidade, imagem da pessoa sanguinária, da violência, da guerra. A educação fundamentada no poder da força para nada serve. Deve ser por isso que ele afirma: “aquelas que conseguem sobreviver trazem adiante bebês suscetíveis de doenças”. É possível que esteja aplicando um sentido figurado querendo dizer com isso que crianças que não têm esse tipo de educação tornam-se pessoas doentes por natureza.

“Apesar de Ser Mulher...”

A carta abaixo ainda está se referindo a Hiparquia e como já mencionamos deixa margem para pensar que ela não era a única.

Eu a admiro por sua garra nisso apesar de ser uma mulher, você escolheu a filosofia e se tornou uma das nos-

sas que têm vencido até mesmo homens no que diz respeito à austeridade. Mas seja perseverante para finalizar o que você tem começado. E você irá vencer, tenho certeza, se você não for ultrapassada por Crates, seu marido, e se você me escreve freqüentemente, seu benfeitor em filosofia. Já que cartas são de grande valor e não são inferiores às conversações com pessoas realmente presentes.”¹⁰

Assim como hoje, naquela época também a mulher tinha que estar “provando” a todo momento sua competência. Por isso encontramos expressões como: “mesmo sendo mulher”, “você consegue vencer até mesmo homens.” Mesmo sabendo também que ela já havia “ultrapassado” a Crates, seu marido. A carta informa que Hiparquia era “uma das nossas”, isso quer dizer que outras já estavam participando. Mesmo apresentando estas expressões não muito favoráveis, é necessário lembrar que a ironia era um componente fundamental da filosofia cínica.

Quando Diógenes utiliza a expressão “benfeitor” devemos lembrar que estamos falando de uma sociedade em que a relação de apadrinhamento era muito forte. O apadrinhamento se caracterizava pela obediência e favores que o apadrinhado devia ao seu padrinho. Esta era uma prática comum no mundo político da época. O cinismo coloca a liberdade acima de qualquer custo, além do mais o “benfeitor” nessa relação de apadrinhamento não pede nem sugere, manda. Por isso, cremos que aqui Diógenes está ironizando. E isso pode ser visto de forma ainda mais clara quando diz que a comunicação escrita não é inferior a conversações com pessoas presentes. Novamente ele joga com a idéia de valor, ou seja, o valor de uma coisa não está na sua diferença, mas em alcançar os mesmos objetivos. Por isso, para participar da sociedade, ser filósofa, decidir sua vida, tornar-se um ser humano de verdade, a categoria homem/mulher não é a mais importante.

10. MALHERBE, Abraham J. *The Cynic Epistles*. Missoula: Scholars Press, 1977. p. 95.

Conclusão

Como dissemos, não existem grandes textos desta mulher, são pessoas que falam a respeito dela e, às vezes, até mesmo por ela. Nossa intenção foi mostrar a contribuição da mulher nesse movimento tão específico de uma corrente filosófica. A importância para o movimento e para sociedade deve ter sido grande a ponto de trocarem o nome de uma cidade pelo nome dela.

Vocês fizeram bem quando mudaram o nome da cidade e, ao invés de Maroneia, a chamaram de Hipparchia, seu nome atual, já que para vocês, é melhor que se chame Hipparchia, uma mulher certamente, mas filósofa, do que Maron, um homem que vende vinho.¹¹

Não se trata de uma troca de nomes apenas. O que está em jogo são também os valores. E aqui não me refiro aos valores morais impostos pela sociedade até porque os cínicos não eram bem vistos nesse sentido. Mas, ao mesmo tempo, o texto deixa claro que as qualidades de uma pessoa se dá também pelos seus valores. Mulher e homem são seres iguais enquanto não se agregam valores. O fato de ela ser filósofa não deixa de ser mulher, assim como Maron não deixa de ser homem por ser comerciante. Esse é um pensamento perigoso porque não devemos imaginar também que pelo fato de uma pessoa não possuir “as qualidades” que julgamos serem as melhores, ele/ela não seja ninguém. Neste caso, Máron além de ser um comerciante também teve seu nome provavelmente inspirado em “um bravo guerreiro que combateu na guerra entre os persas e os lacedemônios. Espartano que se distinguiu nas Termópilas.”¹² Portanto, aqui há uma comparação não somente de homem e mulher mas dos valores que essas duas pessoas agregam.

Foi possível constatar também que a mulher é vista como companheira, atuante, decidida, determinada, que faz opção, que volta atrás, que participa, que ensina etc. Ao mesmo tempo, há uma preocupação em estar sempre lembrando que a mulher não é inferior ao homem. Entendemos essa preocupação, porque este tipo de literatura também servia como propaganda do movimento. É uma mulher que vive intensamente a sua vida sem ter que abrir mão de outras áreas. Vive intensamente sua vida como mulher. A preocupação do movimento em fazer com que ela não desista revela também a sua importância para o grupo. Os “afazeres domésticos” não devem ser o objetivo de vida de ninguém. Ela é muito mais útil como filósofa. Ela fez opção por uma vida de “cão” que, com certeza, se não era melhor do que o modo de vida de sua família, pelo menos, demonstrou seu poder de decisão, já que a liberdade era algo muito mais rígido em relação à mulher. A mulher sempre esteve dependendo de alguém (marido, filhos ou outros parentes) porque dizia a lei de Manu: “A mulher nunca deve governar-se à sua vontade.”¹³

Bibliografia

- ARISTÓTELES. *Política*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985.
- COULAGES, Fustel. *A cidade Antiga*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.p.90.
- DUDLEY, Donald R. *A History of Cynicism*. Hildesheim: Georg Olms Verlagsbuchhandlung, 1967.
- HERÓDOTO. *História*. Brasília: Editora Universidade de Brasília (Coleção Biblioteca Clássica UNB 8), 1985.
- LAËRTIOS, Diôgenes. *Vida e doutrina dos filósofos ilustres*. Brasília: Editora UNB, 1988.
- MALHERBE, Abraham J. *The Cynic Epistles*. Missoula: Scholars Press, 1977.

11. MALHERBE, Abraham J. *The Cynic Epistles*. Missoula: Scholars Press, 1977. p. 172.

12. HERÓDOTO. *História*. Brasília: Editora Universidade de Brasília (Coleção Biblioteca Clássica UNB 8), 1985. p. 613.

13. COULAGES, Fustel. *A cidade Antiga*. São Paulo: Martins Fontes, 1995. p. 90.